

GT15: Antropologia dos Povos Tradicionais Costeiros: Práticas Sociais, Disputas Identitárias e Conflitos

José Colaço, Francisca Miller

Como é de conhecimento na literatura antropológica, diversos grupos sociais que vivem do extrativismo e da agricultura, entre outras atividades - tais como pescadores artesanais e ribeirinhos em geral - foram ou são habitantes de regiões costeiras e historicamente têm sido impactados por diversos fenômenos. A expansão metropolitana, os desastres ambientais de grandes proporções, o turismo em pequena e larga escala, as formas de controle oficial em áreas de interesse ecológico, são alguns processos que vem reconfigurando o uso e a ocupação de territórios costeiros e ribeirinhos no Brasil. Este Grupo de Trabalho tem reunido, de modo bem sucedido, nos últimos anos, pesquisas empíricas e de caráter etnográfico que colocam em evidência tensões, disputas e conflitos entre os povos e comunidades tradicionais e os vários modelos de uso e ocupação de territórios ribeirinhos e costeiros. Reflexões sobre o manejo de ecossistemas, as formas de organização política destes grupos, suas estruturas econômicas, bem como os conflitos suscitados por diferentes processos e agentes sociais - sobretudo agências estatais, organizações não governamentais e empresas - são alguns dos aspectos que serão discutidos nesta atividade.

Trilhas da vida pesqueira e a rua da cruz: conversas entre pescadores e escolas.

Autoria: Verônica Gomes de Aquino

No ano de 2020, optei por ampliar a pesquisa, "Quando a ficção atravessa vidas pesqueiras", desenvolvida na Escola Ver. João da Silva Bezerra, localizada na Barra de Maricá. Práticas desenvolvidas por alunos, professores, profissionais e as famílias pertencentes à Barra de Maricá. Após muitas conversas, dentro e fora da escola, fui tecendo novos fios metodológicos, que me levaram a descoberta da população tradicional deste litoral, ou seja, ao encontro das famílias que vivem da pesca por muitas décadas. Ao mesmo tempo que elaborava o mapeamento das famílias, conhecia os contextos de muitos saberes. Famílias, que durante muitos anos, lutam por seus direitos sociais. Pude ainda, saber através das narrativas dos diferentes sujeitos, a ficção produzida no ano de 1974, "Fogo sobre Terra", novela que produziu transformações sociais na comunidade. Objetivando estudar as comunidades pesqueiras dos bairros além, da Barra de Maricá, amplio para Zacarias e Guaratiba. Analisando fotografias que fiz nos anos de 2018 e 2019, capturei a ideia que intitulei como: "Quando a gente das areias conversa com o livro "Gente das areias". Apresentei este trabalho na 32ª RBA 2020. Dando continuidade as reflexões desenvolvidas em 2020, elaborei um novo artigo que foi aprovado para apresentação no CIHELA 2021, na Universidade de Lisboa/ Portugal. Buscando descrever as conversas das famílias de pescadores das comunidades tradicionais, dialogando com livro Gente das áreas, trabalhos de campo, documentos, vejo surgir em nossas conversas mediante a realidade pandêmica, outros temas e preocupações entre nossos interlocutores pescadores. Busco então, escutar os vivos e em suas falas capturar as lembranças dos mortos. Assim, as narrativas no ano de 2021 entre nós, trouxeram um novo elemento para a pesquisa. Quando perguntamos sobre o assunto, identificamos o lugar do suposto cemitério e as algumas histórias, como a de que chegavam de outros bairros mortos enrolados em lençóis e que eram enterrados em covas rasas. Lugar atualmente conhecido como a "rua da cruz" e que, Pedro pescador com seus completos 91 anos, afirmou em uma de suas últimas entrevistas quando registrou e documentou o conhecimento, antes de sua morte em 20 de fevereiro de 2022. O lugar entre os pescadores que parece guardar o segredo do litoral de Maricá no período da gripe espanhola, faz surgir entre os bairros da Barra de maricá e Guaratiba esse novo caminho etnográfico entre escolas, pescadores e comunidade.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

